

Loyola nega uso das reservas

O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, anunciou ontem que está descartado o uso das reservas cambiais para lastrear um novo título da dívida interna e disse que a principal trincheira da equipe econômica será a luta para o equilíbrio fiscal. Admitiu apenas que podem ser oferecidos novos títulos com indexadores e prazos diferentes dos atuais.

“O Governo não tem nenhuma intenção de usar o câmbio como âncora nem as reservas como lastro para títulos, e também não pretendemos fazer a unificação cambial”, argumentou o presidente. Ele negou também intenção de autorizar os exportadores a abrir contas em dólar. “Isto seria uma medida progressiva para a dolarização, e dolarizar significa desistir de lutar para salvar o cruzeiro”, reagiu o presidente do BC.

Gustavo Loyola afirmou que a dívida pública em si não é o maior problema, e sim a sensação que alguns agentes têm de que permanecem os fatos que a geraram. Se o Governo mostrar que ajustou seu caixa, esta sensação poderia ser modificada, segundo Loyola. A expectativa do Governo é conseguir isto com uma medida fiscal e uma monetária: o resgate de quatro bilhões de dólares da dívida interna este ano (metade dos títulos que vencerão em

1993) e a separação das contas do Tesouro e do Banco Central, fechando definitivamente a porta para que o banco financie as despesas do Tesouro.

Credibilidade — Loyola diz que a simples abertura que existe hoje cria para os agentes econômicos a impressão negativa de que a transferência ocorre. Com isto, o esforço de se obter superávits de caixa no Tesouro surtem efeitos psicológicos parciais. “Se as pessoas perceberem que o quadro mudou definitivamente, mudarão de comportamento”, avalia o presidente do Banco Central. Nesta operação, o resgate dos títulos da dívida, com recursos orçamentários, terá papel fundamental, pois mostrará que o caixa do Tesouro estará equilibrado. O argumento será o de que, se sobrar dinheiro para resgatar títulos sem que tenha havido repasse do Banco Central, é porque realmente o Governo estará gastando menos do que arrecada.

O resultado indireto disto será o aumento da credibilidade do Governo. O resultado direto do resgate, na opinião de Loyola, será uma menor participação do Governo no mercado financeiro, abrindo espaço para a entrada da iniciativa privada, para a redução dos juros e para a retomada do crescimento.

27 FEV 1993
CORREIO BRAZILIENSE